

Adoro Conhecer Braga

PERCURSOS TURÍSTICOS E CULTURAIS
DA CAPITAL DO MINHO



A C B
ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL
DE BRAGA

150
ANOS



A C B
ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL
DE BRAGA

150
ANOS

Título	ADORO CONHECER BRAGA. Percurso Turísticos e Culturais da Capital do Minho
Edição	Edição Comemorativa do 150º Aniversário da Associação Comercial de Braga Maio 2013
Autoria	Associação Comercial de Braga
Convidados	Margarida Costa Agostinho Peixoto José Hermínio da Costa Machado Carlos Aguiar Gomes Carvalho Araújo Rui Ferreira Isabel Silva José Ribeiro Pinto Maria do Carmo Ribeiro e Manuela Martins Joaquim Gonçalves Pedro Morgado Ricardo Silva Joacé Vieira Leite Luis Miguel Ribeiro Baptista da Costa Rui Morais
Design e paginação	Cláudia Gomes
Depósito legal	359863/13
Produção tipográfica e acabamento	Graficernares, Lda.



Adoro Conhecer Braga

PERCURSOS TURÍSTICOS E CULTURAIS
DA CAPITAL DO MINHO





Capítulos

OS SABORES	PÁG. 13
CIDADE DE SONS	PÁG. 23
CIDADE DOS ARCEBISPOS	PÁG. 31
ARQUITETURA E PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO	PÁG. 47
CIDADE HISTÓRICA	PÁG. 61
MUSEUS E ESPAÇOS MUSEALIZADOS	PÁG. 71
ARTES E OFÍCIOS	PÁG. 79
VERDE E CRISTALINA	PÁG. 81
PERSONALIDADES	PÁG. 89
SAÚDE E JOVIALIDADE	PÁG. 108
É FANTÁSTICO	PÁG. 121
PATRIMÔNIO NATURAL	PÁG. 135
CONHECIMENTO E PROGRESSO	PÁG. 145
FUTURO COM PASSADO	PÁG. 153
CAPITAL DO COMÉRCIO	PÁG. 162



VERDE E CRISTALINA

VERDE E CRISTALINA

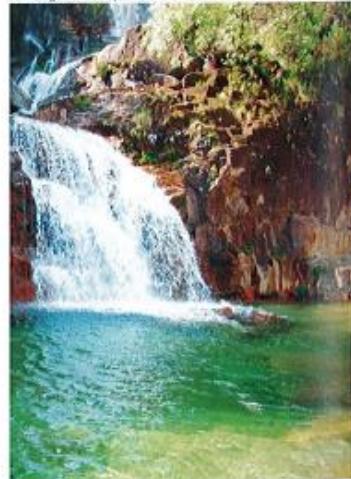


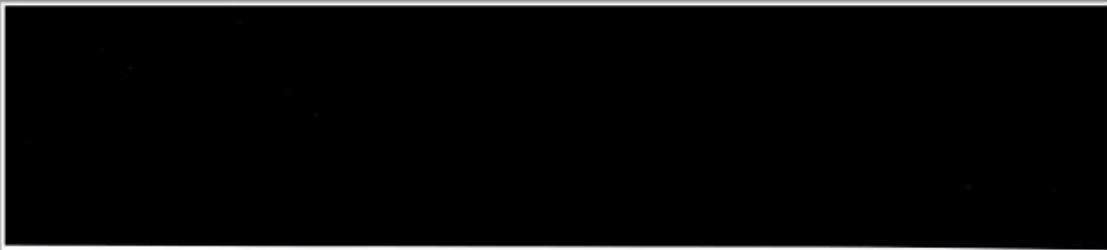
78 - Paisagem Minhota.

A história da cidade de Braga encontra-se intimamente relacionada com os recursos naturais existentes na região. A favorável localização topográfica, aliada à abundância de vegetação, bem como de recursos hídricos, fizeram da zona um local privilegiado para habitar, potenciando a constituição de uma cidade que podemos adjetivar como verde, cor que domina a paisagem que a envolve e cristalina pela abundância de água, bem como de património que com ela se relaciona.

Desde o período romano que os habitantes de Bracara Augusta estabelecerem uma importante interação com o meio natural envolvente, pois dele dependiam, desenvolvendo várias estratégias relacionadas, desde logo, com a sua exploração. Todavia, para além da tecnologia produzida com vista à gestão e uso dos recursos naturais, os residentes de Braga desenvolveram igualmente arquiteturas e espaços que lhes permitiram usufruir dos valores simbólicos da natureza, potenciados pelas crenças e pelas práticas culturais e sociais que caracterizaram os diferentes momentos históricos da cidade.

79 - Lagos no Parque Nacional da Peneda - Goris





Na realidade, a combinação de alguns elementos naturais, essenciais à vida humana, nomeadamente a água e a vegetação permitiu a construção de um rico e diversificado património que atualmente ainda pode ser admirado na cidade.

Entre os testemunhos mais antigos que permitem documentar a relação que os habitantes da área envolvente da cidade estabeleceram com os recursos naturais destacam-se, pela sua clara associação à água, o balneário pré-romano da estação dos caminhos-de-ferro e o santuário da Fonte do Ídolo, com continuidade funcional durante o período romano.



80 - Fonte do Ídolo

O património arqueológico referente ao período de ocupação romana é bastante diversificado, pois, na verdade, os romanos eram um povo que valorizava e apreciava a natureza. Destacaríamos deste conjunto, os complexos termais, como as termas públicas do Alto da Cidadela, localizadas num dos pontos mais altos da colina onde a cidade se implantou, possibilitando uma vista panorâmica para os verdes montes que a rodeiam mas, também, os espaços ajardinados existentes nas habitações, como no Domus (casa) das Carvalheiras. Refira-se, ainda, que a água necessária ao abastecimento de Bracara Augusta seria captada em mananciais regulares localizados na zona envolvente, que seria conduzida para a cidade através de canos e condutas, alguns dos quais recuperados pelas escavações arqueológicas, como o aqueduto romano de Gualtar.

Na Idade Média, a cidade de Braga passa a depender de forma significativa da exploração dos recursos naturais existentes nas proximidades da cidade. Campos de vinha, soutos e carvalhos rodeavam o espaço exterior da muralha medieval, proliferando intramuros inúmeras zonas verdes e hortas, como o Campo de Touro dos Arcelbispós ou as hortas e jardins do Paço Arquiepiscopal. Saliente-se, igualmente, os locais de captação de água, nomeadamente bicas, poços e fontes, como a Fonte de S. Geraldo, localizada nas proximidades da Sé, uma das mais importantes e antigas fontes medievais. Os locais destinados ao culto, como a Sé Catedral, constituem simultaneamente o reflexo da combinação harmoniosa entre Deus e a natureza, onde a água, sobretudo a benta, adquire um valor particularmente simbólico, vital para a vida humana mas, também, para a limpeza espiritual.

A partir do século XVI, sobretudo pelas mãos do Arcebispo D. Diogo de Sousa, Braga conhece um significativo período de renovação urbana, peulado em grande medida pela criação e embellecimento de ruas, largos, praças e áreas ajardinadas, com uma arquitetura revivida, inspirada em elementos simbólicos naturais. Entre as obras que são atribuídas a este prelado contam-se, no espaço intramuros, um jardim nos Paços, junto da Sé, que adomou com laranjeiras e uma fonte, a reformulação do Largo do Paço, onde mandou colocar um novo chafariz, ou a revitalização da área junto ao atual Arco da Porta Nova, por ele mandado abrir, através da edificação de um novo mercado coberto para a venda de peixe, bem como uma fonte. Já no espaço exterior, junto às portas da cidade, desacatariamos a abertura de grandes largos, designadamente os campos de Santa Ana, dos Remédios, das Carvalheiras, das Hortas e o Campo da Vinha. Traçava-se, na generalidade, de áreas ocupadas até então por vinhas e diferentes árvores, que permitiam a articulação com as vias que ligavam a cidade à periferia e, deste modo, a ampliação da área urbana de Braga mas, também, a criação de novos espaços lúdicos e de sociabilização. O Campo de Santa Ana, atual Avenida Central, foi aberto num espaço de vinhedos e arvoredo onde D. Diogo de Sousa mandou edificar umas estrebarias, junto à Porta do Souto e colocar um cruzeiro e um pelourinho. Do lado oposto, mandou reformular a Igreja de Nossa Senhora-a-Branca e fazer uma fonte junto dela. Determinou ainda a construção de uma pequena capela, que viria a dar o nome ao campo.

A obra iniciada por D. Diogo de Sousa teve continuidade ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, através da intervenção de vários outros arcebispos, que impulsionaram a urbanização mas, também, a ornamentação de antigos e novos espaços, através de fontes e chafarizes que passaram a adornar as praças e jardins da cidade, grande parte deles alimentados pelo sistema hidráulico das Sete Fontes, ultimado em meados do século XVIII, no arcebispado de D. José de Bragança.

A perspetiva cenográfica criada entre a Arcada e o Santuário do Bom Jesus do Monte, através da grande artéria que se estende do Campo de Santa Ana até à Igreja de S. Vitor, constitui uma boa demonstração da aplicação dos ideais barrocos ao espaço urbano bretoneiro, articulando-o com o verde dominante das encostas do Bom Jesus.

De igual modo, a beleza e o requinte com que a enorme quantidade de praças e jardins existentes no século XVIII são adornados refletem o potencial das artes decorativas setecentistas. Na generalidade destes espaços, as fontes e chafarizes, de elaborada composição arquitetónica e escultórica, constituem um denominador comum, como é o caso do denominado Chafariz dos Castelos, do Largo do Paço.

Segundo o Padre Luís Cardoso, para o século XVIII, existiam na cidade 70 fontes permanentes, entre públicas e particulares, algumas de maravilhosa arquitectura. A persistência de muitas delas, ainda no século XIX, terá suscitado mesmo, que alguns visitantes atribuissem a Braga o epíteto de Cidade das Fontes.

Não podemos terminar este breve texto, sem destacar a importância do Santuário do Bom Jesus do Monte, pelo seu enquadramento harmonioso e altaneiro na paisagem, pela sua abundância em água, mas, também, pela imponência do seu escadório, adornado com fontes de água alegóricas aos 5 sentidos, que contribuem, de forma singulamente verde e cristalina, para o enriquecimento do património da cidade de Braga.

Maria do Carmo Ribeiro

Manuela Martins

81 - Jardins do Bom Jesus



82 - Chafariz no Largo do Paço



83 - Jardim do Museu Nogueira da Silva



**ROTEIRO
VERDE E CRISTALINA**

